

A Crítica de Nietzsche aos Valores e à Moral Cristã na obra Genealogia da Moral

Antonio Carlos Ferrarezi¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo principal demonstrar a linha crítica de raciocínio desenvolvida pelo filósofo Friedrich Nietzsche em relação à elaboração da moral e dos valores da sociedade ocidental moderna, portanto, do homem moderno, a partir dos valores e da moral cristã. Nietzsche estabelece uma dura crítica aos valores e às bases da Moral Cristã, considerando-os um legado da casta sacerdotal que representa o povo judeu. O Judaísmo, bem como seu principal legado, o Cristianismo, promoveram o que Nietzsche classificou como uma tresvaloração de valores morais. E esse processo não escapou à crítica nietzschiana, conforme o artigo procurará demonstrar.

Palavras chave: Moral Cristã; Genealogia da Moral; Tresvaloração de valores.

Abstrat

The main purpose of this article is to demonstrate the critical line of reasoning developed by the philosopher Friedrich Nietzsche in relation to the elaboration of morals and values of modern Western society, therefore, of modern man, based on Christian values and morality. Nietzsche establishes a harsh criticism of the values and foundations of the Christian Moral, considering them a legacy of the priestly caste that represents the Jewish people. Judaism, as well as its main legacy, Christianity, promoted what Nietzsche classified as a revaluation of moral values. And this process did not escape the Nietzschean criticism, as the article will try to demonstrate.

Keywords: Christian Morality; Genealogy of Morals; Revaluation of values.

¹ Graduado em Teologia e Filosofia, Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, professor e coordenador do curso de Teologia do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. E-mail para contato: antonio.ferrarezi@izabelahendrix.metodista.br; acarlosferrarezi@gmail.com

Introdução

Em sua obra **Genealogia da Moral**, Nietzsche² se propõe a discutir o problema dos fundamentos da Moral do homem moderno e ocidental: como foi o processo através do qual se elaborou a Moral do homem moderno, como foi construída a Moral do homem ocidental?

Na análise do tema, Nietzsche se preocupa em discutir questões do tipo: de onde vem o bem e o mal? Essa questão primeira, perguntando sobre a origem do bem e do mal, Nietzsche a transforma noutro tipo de questionamento, a saber: como o homem ocidental e moderno cria para si o bem e o mal? Essa pergunta nietzschiana recoloca, portanto, o problema do bem e do mal, o problema da moral ocidental, conferindo assim um novo sentido para aquela primeira pergunta e passa a ser uma questão central para o pensamento de Nietzsche. (NIETZSCHE, 1988).

Outra questão muito importante para Nietzsche, nessa obra, é perguntar sobre qual é o valor dos valores morais. Nietzsche interroga: os valores morais obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? A pergunta também pode ser formulada da seguinte forma: os valores morais tornam o homem e a vida melhores? Essas questões são fundamentais na **Genealogia da Moral**, de Nietzsche, razão pela qual perpassarão todo o conteúdo da obra.

Na análise de toda essa problemática, Nietzsche demonstrará sua crítica aos valores preconizados pelo Cristianismo, classificando-o como um platonismo para o povo, na medida em que ele seria uma vulgarização da metafísica, uma forma acabada e pervertida daqueles instintos que caracterizam o platonismo, baseado em dogmas e crenças que permitem à consciência escrava e fraca fugir da realidade material da vida, escapar à vida, escapar à dor e à luta, impondo a resignação e a luta como virtudes do homem (Os Pensadores, 1996, p. 10-11). Nietzsche afirma que o Cristianismo, com suas

²Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844, em Rocken, na Saxônia, Alemanha, filho de Karl Ludwig Nietzsche, e Franziska Nietzsche. Seu pai era Pastor da Igreja Luterana. Nietzsche morreu em 25 de agosto de 1900, e foi sepultado na mesma cidade onde nasceu.

ideias sobre a vida no além, com seus valores morais em nome de um Reino de Deus, nega essa vida mesma, a vida concreta que ao homem é dado viver, em função de, segundo Nietzsche, **nada**.

O presente artigo se ocupará apenas da primeira dissertação da obra nietzschiana, que foi o objeto de análise do presente trabalho de leitura e pesquisa, onde o filósofo alemão fez a demonstração apenas da primeira etapa, ou seja, o ressentimento.

1. A Origem do Bem e do Mal

De onde vem o bem e o mal? Ou, nos termos recolocados por Nietzsche: como o homem cria para si o bem e o mal?

Na obra Genealogia da Moral, Nietzsche se propõe ao desafio e à tarefa de fazer uma análise das condições dos valores do homem moderno ocidental, e de suas funções, verificando a que elementos e fatores eles remontam. Assim, o valor desses valores é questionado por Nietzsche, e substituído por uma análise da vida como poder. Dessa forma, todos os critérios éticos de nossas ações, tais como o bem em Platão, a liberdade em Rousseau e Kant, o útil, para os utilitaristas do Século XIX “são assim dissolvidos num campo de forças cujas propriedades restauram a vida” (BEARDSWORTH, 2003, p. 54).

Na investigação sobre o problema do bem e do mal, Nietzsche utiliza dos instrumentos da **Filologia**, área do conhecimento pela qual nutria grande paixão, tendo sido professor de Filologia Clássica durante dez anos, na Universidade de Basileia.

Através de suas investigações filológicas, Nietzsche afirma ter encontrado o caminho certo para a questão da origem do bem e do mal quando analisou, do ponto de vista etimológico, as designações para “**bom**” cunhadas pelos diversos idiomas. Descobriu então, afirma Nietzsche:

Que todas elas remetem à mesma transformação conceitual – que em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo”, transmutar-se finalmente em “ruim”. (NIETZSCHE, 1988, p.24).

O passo seguinte foi a constatação de que a expressão **bonus**, do Latim, poderia ser interpretada como “o guerreiro”, desde que esteja certo ao derivar, afirma Nietzsche, **bonus**, de um termo mais antigo, **duonus**³. Nesse sentido, **bonus** significaria, portanto, o homem da disputa, da dissensão (duo), o homem guerreiro (NIETZSCHE, 1988).

O terceiro passo, em seu método de investigação, dado o pressuposto de que, para cada conceito denotador de sentido preeminentemente político sempre resulta um conceito de preeminência espiritual, foi a constatação de que a classe sacerdotal necessitava de um predicado mais apropriado para a sua função sacerdotal. Foi assim que, pela primeira vez, afirma Nietzsche, as expressões “**puro**” e “**impuro**” se contrapõem como distinção de estamentos. Em seguida Nietzsche concluirá que exatamente nesse contexto se desenvolveram, depois, os conceitos de “**bom**” e “**ruim**”, não mais no sentido estamental. (NIETZSCHE, 1988, p. 26-27).

Nietzsche continua a demonstração de sua linha de pensamento declarando:

Já se percebe com que facilidade o modo de valores sacerdotal pode derivar daquele cavaleiresco-aristocrático e depois desenvolver-se em seu oposto; em especial, isso ocorre quando a casta dos sacerdotes e a dos guerreiros se confrontam ciumentamente, e não entram em acordo quanto às suas estimativas. Os juízos de valor cavaleiresco – aristocrático têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica,

³ Aqui Nietzsche compara com a evolução do termo **bellum** = **duellum** = **duen-lum**, no qual Nietzsche entende conservado o termo **duonus**. (Cf. NIETZSCHE, F., Op. Cit., p. 27).

até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo que envolve uma atividade robusta, livre, contente. O modo de valoração nobre-sacerdotal – já o vimos – tem outros pressupostos: para ele a guerra é mau negócio. (NIETZSCHE, 1988, p. 29-30).

Seguindo sua linha de pensamento, Nietzsche demonstra que a classe sacerdotal, baseada no seu modo de valoração, constitui-se no mais terrível inimigo, porque são os mais impotentes. E, afirma Nietzsche, na sua impotência, o ódio assume proporções monstruosas e sinistras. Para Nietzsche, o povo que melhor representa a casta sacerdotal é o povo **judeu**, o qual, como Nietzsche mesmo afirma, “*soube desferrar-se de seus inimigos e conquistadores apenas através de uma radical tresvaloração dos valores deles, ou seja, por um ato da mais espiritual vingança*”. (NIETZSCHE, 1988, p. 30).

De acordo com o pensamento nietzschiano, os judeus foram capazes da ousadia de inverter a equação aristocrática de valores, onde bom equivalia a nobre, a poderoso, a belo e feliz e, por conseguinte, querido aos deuses, implantando uma nova equação invertida e a ela se apegando fortemente, onde agora os miseráveis passam a ser os bons, os sofredores, os necessitados, os doentes, os desgraçados da vida; esses passam a ser os bons, os únicos abençoados, os dignos das bem-aventuranças, fazendo assim uma referência direta ao Sermão da Montanha pregado por Jesus de Nazaré. Enquanto isso, por outro lado, os nobres e poderosos passam a ser para sempre os maus, os cruéis, os lascivos, insaciáveis, ímpios, eternamente desventurados e malditos.⁴

Após essas considerações, Nietzsche, em tom reticencioso, afirma em seu livro: “*Sabe-se quem colheu a herança dessa tresvaloração judaica...*” (NIETZSCHE, 1988, p. 31), fazendo assim uma referência direta ao Cristianismo. Portanto, o Cristianismo é, de acordo com o pensamento nietzschiano, a religião que herdou todo esse conjunto da tresvaloração judaica, o que será duramente questionado e combatido pelo pensador.

⁴ Cf. NIETZSCHE, op. cit., pp. 30-31. Nesse texto Nietzsche chega a usar a expressão que, em português, foi traduzida por “danados” ao se referir os nobres e poderosos.

2. A Vitória da Moral Sacerdotal Sobre a Moral Guerreira

Nietzsche interpreta que o judaísmo assumiu a condição de tronco da árvore da vingança e do ódio, do ódio judeu, o ódio responsável pela criação de ideais e recriador de valores, tronco do qual brotou o Cristianismo, classificado por Nietzsche como “*um novo amor, o mais profundo e sublime de todos os tipos de amor*”. (NIETZSCHE, 1988, p.31).

E Nietzsche destaca:

Mas não se pense que tenha surgido como a negação daquela avidez de vingança, como a antítese do ódio judeu! Não, o contrário é a verdade! O amor brotou dele como sua coroa, triunfante, estendendo-se sempre mais na mais pura claridade e plenitude solar, uma coroa que no reino da luz e das alturas buscava as mesmas metas daquele ódio, vitória, espólio, sedução, com o mesmo impulso com que as raízes daquele ódio mergulhavam, sempre mais profundas e ávidas, em tudo que possuía profundidade e era mau. (NIETZSCHE, 1988, p. 31-32).

Para Nietzsche, Jesus de Nazaré significa o coroamento do judaísmo, da vingança judaica.

Esse Jesus de Nazaré, evangelho vivo do amor, esse “redentor” portador da vitória e da bem-aventurança aos pobres, aos doentes e aos pecadores – não era ele a sedução e a via sinuosa para justamente aqueles valores judeus e inovações judaicas do ideal? (NIETZSCHE, 1988, p. 32).

A leitura que Nietzsche faz do Cristo na cruz é exatamente o inverso da mensagem preconizada pelo Cristianismo. Pregando Cristo na cruz, Israel estaria assim pregando no madeiro o autêntico instrumento de sua vingança, diante dos olhos de toda a humanidade, como um inimigo mortal, para que, dessa forma, o mundointeiro

pudesse, nos dizeres de Nietzsche, “morder a isca”, que ele considera como a mais perigosa isca. A conclusão de todo esse processo, entende Nietzsche, é que Israel e o povo judeu, com sua vingança e sua tresvaloração dos valores, triunfaram sobre todos os demais ideais, o que significa, na visão nietzschiana, a vitória da moral sacerdotal sobre a moral guerreira. (NIETZSCHE,1988).

...tudo se judaíza, cristianiza, plebeíza visivelmente... A marcha desse envenenamento através do corpo inteiro da humanidade parece irresistível Quem venceu temporariamente, Roma ou Judeia? Mas não pode haver dúvida: considere-se diante de quem os homens se inclinam atualmente na própria Roma, como a quintessência dos mais altos valores – não só em Roma, mas em quase metade do mundo, em toda parte onde o homem foi ou quer ser domado – diante de três judeus, como todos sabem, e de uma judia (Jesus de Nazaré, o pescador Pedro, o tapeceiro Paulo e a mãe do dito Jesus, de nome Maria). (NIETZSCHE, 1988, p. 33, 53).

A seguir trataremos um pouco sobre a crítica que Nietzsche faz ao Cristianismo, considerado por ele como um dos principais pilares da moral ocidental moderna.

3. A Crítica Nietzschiana ao Cristianismo

A análise da religião em Nietzsche é, acima de tudo, uma análise da vontade de crer que está presente no homem, da vontade de crer em verdades absolutas a qualquer preço. Nesse sentido, a crítica nietzschiana também se aplica à Filosofia e à Ciência, porque ambas se caracterizam, também, pela busca de verdades absolutas a todo custo.

Diante do mundo que o incomoda, diante do caos, do sofrimento, não podendo suportar seu peso, o homem passa a negar o mundo tal como ele é e passa a afirmar um outro mundo ideal. Dessa forma, analisa Nietzsche, a vontade de crer, que está presente no homem, tem base na sua **fraqueza**. Fundamentalmente o homem age assim, esperando por um mundo ideal, porque ele, no íntimo de seu ser, quer **viver!** Mas esse homem que quer viver é o homem fraco, que não é capaz de viver sem um referencial

externo, eterno, para além dessa vida, não é capaz de viver sem sentido. Assim, a vontade de viver do homem acaba levando-o à negação da vida, pois a vontade de verdades absolutas significa a vontade de viver, porém, destaca Nietzsche, isso implica na negação dessa vida, negação do mundo tal como ele é. (NIETZSCHE, 1988).

A vontade de crer quer tornar a vida suportável, mas, por outro lado, significa um empobrecimento da vida tal como ela é. O homem fraco, como não pode suportar o caos, elimina-o e elimina a esfera daquilo que não tem sentido. No entendimento de Nietzsche, o Cristianismo se apresenta assim, eliminando toda a esfera donão-sentido.

O objetivo de todo esse empreendimento, segundo o pensamento nietzschiano, é garantir a sobrevivência do homem fraco. O fraco tem vergonha de existir tal como ele é, motivo pelo qual inventa um outro mundo melhor, ao qual se submeterá. Com medo de comandar, o homem fraco aceita a submissão ao senhorio de outro ser. Nietzsche, na **Genealogia da Moral**, se propõe a desmascarar essa situação.

Segundo Nietzsche, o Cristianismo concebe o mundo terrestre como um vale de lágrimas, em oposição ao mundo da felicidade eterna do além. Essa concepção constitui uma metafísica que, à luz das ideias de um outro mundo, no além e melhor, autêntico e verdadeiro, esse mundo passa a ser visto como inautêntico, provisório e aparente.

Dada a correlação dessas concepções com as teses principais do sistema do idealismo platônico, Nietzsche classifica o Cristianismo como um platonismo para o povo. São os escravos e os vencidos da vida que inventaram o além, para compensar a miséria; inventaram falsos valores para se consolar da impossibilidade de participação nos valores dos fortes; forjaram o mito da salvação da alma, porque não possuíam o corpo; criaram a ficção do pecado, porque não podiam participar das alegrias terrenas.

Esse ódio a tudo o que é humano, a tudo o que é desejo, a tudo o que afirma a vida tal como ela se nos apresenta, esse ódio a tudo o que é matéria, esse horror da felicidade e da beleza, esse desejo de fugir de tudo o que é aparência, significa, na ótica

nietzschiana, aniquilamento da vida, hostilidade à vida, recusa em se admitir as condições fundamentais da própria vida e o Cristianismo é responsável por essa desvalorização de valores. (Os Pensadores. Nietzsche, 1996, p. 10-11).

Nietzsche se apresenta como um filósofo que tem aversão à ética kantiana do dever, bem como à ética utilitária, e, também, à moral cristã. “Nietzsche valoriza exclusivamente a vida, forte, sadia, impulsiva, com vontade de domínio. Isso é o bom, e todo o fraco, enfermizo ou fracassado é mau. Por isso, a compaixão é o mal supremo” (MARIAS, 2004, p. 403).

Assim, Nietzsche diferencia dois tipos de moral: a moral dos senhores, e a moral dos escravos. A moral dos senhores é a das individualidades poderosas, de superior vitalidade, moral da exigência e da afirmação dos impulsos vitais. Por outro lado, em contrapartida, a moral dos escravos é a moral dos fracos e miseráveis, dos degenerados, que está sob a regência da falta de confiança na vida, que exalta a compaixão, a humildade e a paciência. Segundo Nietzsche, trata-se de uma moral de ressentidos, que se opõe a tudo o que é superior. Nietzsche atribui esse ressentimento à moral cristã. (MARIAS, 2004).

A questão da moral reativa e do ressentimento serão tratados no tópico seguinte.

4. A Questão da Moral Reativa e do Ressentimento

Elemento significativo no conjunto do sistema nietzschiano é a questão da moral reativa e do ressentimento. Segundo Nietzsche, a moral sacerdotal, a moral cristã, a moral do homem moderno e ocidental é a moral do ressentimento, isto é, moral que se firmou não a partir da afirmação e da ação, mas sim da **reação**. Afirma Nietzsche:

Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesmo, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava

sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior. (NIETZSCHE, 1988, p. 34).

Portanto, analisa Nietzsche, a ação da moral escrava é, na verdade, **reação**. Significa dizer que o referencial é o outro, e não a pessoa mesma. Do ponto de vista prático, isso equivale a dizer que determinado homem é bom porque não é igual àquele outro que é mal.

Os homens da moral ativa, **não escrava**, se sentem mesmo como felizes, não precisam construir artificialmente sua felicidade, não precisam persuadir-se dela, não necessitam mentir para si mesmos, por meio de um olhar lançado aos seus inimigos, como fazem os homens da moral reativa, os homens do ressentimento. Para os homens da moral ativa, ser ativo faz necessariamente parte da felicidade. (NIETZSCHE, 1988).

Por outro lado, o que faz o homem do ressentimento, o homem da moral reativa? Nietzsche responde: “[...] ele concebeu “o inimigo mau”, “o mau”, e isto como conceito básico, a partir do qual também elabora, como imagem equivalente, um “bom” – **ele mesmo!**...” (NIETZSCHE, 1988, p. 37. Grifo nosso). Isso significa, para Nietzsche, o modo de valoração ressentida. E, segundo o pensador, o povo judeu, cuja herança moderna é o Cristianismo, é o povo sacerdotal por excelência. Nesse ponto repousa um dos fatores de sua veemente crítica ao sistema religioso cristão.

Segundo SOUZA (2009):

Nietzsche se interessa por tipos humanos que não se submetem a valores morais de bem e mal, porque toda moral é relativa ao seu ambiente grupal, a quem domina, a quem é dominado, isto é, toda moral não é nem um pouco isenta de avaliações, de perspectivas e, claro, de interesses. (SOUZA, 2009, p.15).

E Souza (2009) acrescenta: “Toda moral tem sido a história do controle do pensamento, das ações dos homens por meio, muitas vezes, das escolas, das igrejas e de tantas outras instituições que cumprem essa função” (SOUZA, 2009, p. 15).

Dentro da sociedade podemos perceber os espaços de luta, de separação e composição das forças que atuam no sentido de estabelecer o poder, dos grupos que atuam e lutam para se manter no poder, em detrimento das pessoas, de suas vidas. Os grupos que lutam pelo poder pensam apenas em si mesmo, enxergam somente a si mesmos. (SOUZA, 2009). Analisando o pensamento crítico de Nietzsche sobre as bases da Moral, Souza afirma:

Bem e mal, para o filósofo alemão, devem ser colocados sob a mira do devir, pois é esse movimento incessante presente em tudo o que existe, ou melhor, que faz todas as coisas “serem” desse ou daquele modo, o que extingue qualquer tentativa de “engessamento” dessa ou daquela visão cega em que o seu “olhar” é o único que existe e que deve se constituir como “olhar sempiterno” (SOUZA, 2009, p. 16.)

Para demonstrar a fenomenologia dos valores do Cristianismo, Nietzsche cria uma espécie de parábola, ou fábula, onde descreve o diálogo de alguém que vem visitar a Terra, a fim de investigar como se deu a formação dos valores no mundo.

Na parábola, o pesquisador da formação dos valores da humanidade constata que os homens operaram uma grande transformação dos valores, ou, para usar uma expressão do próprio Nietzsche, uma tresvaloração dos valores, onde “*a fraqueza é mentirosamente mudada em **mérito***” (NIETZSCHE, 1988, p. 45). E ainda: a impotência é mudada em bondade, a baixaza medrosa transformou-se em humildade, a submissão àqueles que se odeia passou a ser chamada de obediência, ao mesmo tempo em que passou a chamar-se Deus ao ser que dizem ter imposto tal submissão. Afirmando que seu estado de miserabilidade significa uma eleição e distinção por parte de Deus, uma espécie de preparação, uma prova, um treinamento, algo que um dia será recompensado na vida eterna, no reino eterno, postura essa chamada de bem-aventurança. (NIETZSCHE, 1988, p.46).

Continua o investigador pesquisando a fábrica dos ideais cristãos, a formação dos valores na Terra e aponta para aquilo que Nietzsche considera ser o ponto alto, o

“golpe de mestre” (NIETZSCHE, 1988, p. 47) de todo esse processo, ou seja, a vitória de Deus, do Deus justo sobre os ateus, o triunfo da justiça, a vingança dos homens do ressentimento no dia do Juízo Final. Eis a demonstração do argumento nietzschiano na parábola:

- E como chamam aquilo que lhes serve de consolo por todo o sofrimento da vida? – sua fantasmagoria da beatitude futuraantecipada?

- Quê? Estou ouvindo bem? A isto chamam de “Juízo Final”, o advento do seu reino, do “Reino de Deus” – mas nesse meio tempo vivem “na fé”, “no amor”, “na esperança”. (NIETZSCHE, 1988, p.47).

Nietzsche então questiona: fé em quê? Amor a quê? Esperança de quê? Em seguida, ele argumenta: esses fracos – eles também desejam algum dia, sem dúvida alguma, ser os fortes, também o seu reino deverá vir algum dia – ao qual denominam Reino de Deus. E, para vivenciar isto, precisam viver uma vida longa, capaz de ultrapassar a morte, necessitam da vida eterna para serem extremamente recompensados no “Reino de Deus” que compensa essa existência terrena “na fé, no amor e na esperança”. (NIETZSCHE, 1988, p.48).⁵

Para reforçar sua argumentação, Nietzsche destaca uma expressão de S. Tomás de Aquino, quando afirmou que os abençoados do reino dos céus verão as penas dos danados, para que sua beatitude lhes dê maior satisfação. E ainda, com maior ênfase, o pensador ressalva um texto escrito pelo importante teólogo Tertuliano⁶, quando descreve como que os bem-aventurados, no dia do juízo final, verão com grandealegria

⁵ Aqui Nietzsche faz uma referência clara e direta à teologia paulina, conforme expressa na primeira carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 13, quando o apóstolo apresenta as três maiores virtudes – fé, esperança e o amor – declarando que, das tais, o amor é a virtude maior.

⁶ Tertuliano foi um importante teólogo do Cristianismo antigo. É considerado um dos pais eclesiásticos – o primeiro de estilo tipicamente ocidental – e também ocupa a posição de fundador da tradição teológica ocidental. Nasceu em **Cartago**, em meados do Século II, sendo que sua atividade literária se restringiu ao período de 195 a 220. Os escritos teológicos de Tertuliano exerceram grande influência na fé cristã, sempre preocupado em defender a fé cristã do paganismo. Sua teologia foi, em grande parte, condicionada pelo seu conflito com o gnosticismo. (Conforme HAGGLUND, Bengt, História da Teologia, Porto Alegre, Ed. Concórdia, 1981, pp.42-47).

as penas e os sofrimentos dos condenados por Deus, situação que trará grande júbilo e alegria aos bem-aventurados do reino dos céus:

Mas restam outros espetáculos, aquele último e perpétuo dia do juízo, aquele dia não esperado pelos povos, dia escarnecido, quando tamanha antiguidade do mundo e tantas gerações serão consumidas num só fogo. Quão vasto será então o espetáculo! Como admirarei! Como rirei! Lá me alegrarei!.⁷ (NIETZSCHE, 1988. P.50).

Assim Nietzsche intenta demonstrar que o elemento fundamental na elaboração dos ideais e dos valores cristãos da humanidade é o **ressentimento**. Por trás de toda a construção dos valores do homem moderno e ocidental está o ressentimento, o espírito de vingança. Por isso Nietzsche denomina *“homens do ressentimento”* ao homem moderno, ocidental e cristão, resultante dessa moral sacerdotal, dessa moral reativa, herdada do povo judeu, cuja coroação máxima se deu com o Cristianismo, seu principal legado.

Em sua filosofia, Nietzsche fala da teoria das forças, ou o devir das forças. Nietzsche utiliza a expressão “vontade de potência” para se referir a uma teoria da energética, segundo a qual o mundo é constituído por uma pluralidade de forças, que não são nem matéria e nem abstração, mas espírito. Assim, as forças seriam unidades de ações que se relacionam para formar os centros de vontades de potência, onde se dá uma hierarquia: há as forças que obedecem, e as forças que mandam. (SOUZA,2009).

Na história, esses centros de vontades de potência podem ser destruídos, mas as forças não. Assim, as forças que mandam hoje, poderão ser mandadas no futuro e passarão à condição de obedientes. E assim dinâmica e dialeticamente, esses centros de vontades de potência vão lutando e se alternando no poder: trata-se do devir das forças. Essa é a teoria das forças, na filosofia nietzschiana. (SOUZA, 2009).

⁷Expressões do texto de Tertuliano, in NIETZSCHE, F., Op. Cit., p. 50.

Quando uma força não dá tudo de si, elas se relacionam com outras forças enquanto força reativa. Quando os centros são dominados pelas ativas, então temos centros de vontades de potência afirmativos; quando não, temos centros de vontades de potência negativos. (SOUZA, 2009, p.18).

Portanto, Nietzsche faz a seguinte aplicação da teoria das forças, quando analisa a moral cristã:

Nesse sentido nietzschiano da Vontade de Potência, a moral que domina no rebanho é a moral fraca, reativa, uma moral do ressentimento, da vingança, que não é forte o suficiente para se superar e se abolir enquanto moral de decadência. (SOUZA, 2009, p.20).

Assim Nietzsche classifica a Moral do Cristianismo, herdada da cultura e religiosidade judaica: como uma moral fraca, reativa, moral do ressentimento, moral de rebanho. Moral que não enxerga a vida como vontade de potência, “que não percebe o que é a natureza humana, essa ficção da nossa razão que se impõe falsamente sobre a natureza. Existe apenas a natureza, e nada mais” (SOUZA, 2009, p. 20).

Sobre o fundamento da natureza, constrói-se a chamada natureza humana, a cultura. O que o ser humano fraco não é capaz de enxergar é que, ao colocar no outro a culpa por sua própria decadência, colocando-o como alvo de sua vingança, o que está em jogo são as forças ativas e reativas, e ele, fraco, não passa de um centro de vontades de potência negativo, reativo.

“Que valores emergiram diante de uma moral ressentida, de uma moral de fracos, de uma moral de tipos humanos vingativos? Valores que não são valores, valores contranaturais” (SOUZA, 2009, p. 21). Por outro lado, “uma cultura em prol de seus fundamentos naturais, ou seja, valores que encaram a vida como Vontade de Potência” (SOUZA, 2009, p. 21), essa é a proposta de Nietzsche, o que significa a proposta de uma Moral para além de bem e mal.

Segundo Nietzsche, a crença é desejada com a maior avidez, ela se faz mais urgentemente necessária, onde predomina a falta de vontade. Nietzsche entende a vontade como sinal de força, como emoção de mando, como um sinal distintivo de autodomínio e força. Ele analisa que, quando alguém não é capaz de mandar, de determinar sua vontade, ele precisa que alguém faça isso em seu lugar, necessita que alguém mande com rigor, seja ele um Deus, ou um príncipe, ou um governante, uma classe, um dogma, uma consciência partidária. A partir dessa interpretação, Nietzsche concluirá que o Budismo⁸ e o Cristianismo, duas grandes religiões universais, poderiam ter tido a razão de seu surgimento num descomunal adoecimento da vontade. Para Nietzsche, os crentes têm uma profunda necessidade de crença. (NIETZSCHE, A Gaia Ciência, in Os Pensadores, 1996, p. 199).

Onde um homem chega à convicção fundamental de que é preciso que mandem nele, ele se torna “crente”; inversamente, seria pensável um prazer e força da autodeterminação, uma liberdade da vontade, em que um espírito se despede de toda crença, de todo desejo de certeza, exercitado, como ele está, em poder manter-se sobre leves cordas e possibilidades, e mesmo diante de abismos dançar ainda. Um tal espírito seria o espírito livre *par excellence*. (NIETZSCHE. A Gaia Ciência, in Os Pensadores, 1996, p. 199-200).

Considerações finais

Nietzsche, que vê o triunfo da moral dos fracos negando a vida, invertendo os valores, negando a afirmação da vida, se propôs a tarefa de recuperar a vida, de afirmar a vida tal como ela se apresenta e de transmutar os ideais e os valores do Cristianismo, servindo-se dos instrumentos da Filologia. Na obra **Genealogia da Moral**, Nietzsche

⁸ Apesar da referência de Nietzsche ao Budismo, esse tema não foi objeto de análise por parte do presente artigo, pois escapa ao seu objetivo principal. Poderia ser analisado em outro artigo que se proponha a analisar a questão da crença budista e a análise crítica de Nietzsche.

procurou explicar as etapas da noção de **bem** e de **mal**. Para ele essas etapas são o **ressentimento, a consciência da culpa e o ideal ascético**.

Recomenda-se a continuidade desse estudo, analisando as etapas seguintes propostas por Nietzsche, a saber: a consciência da culpa e o ideal ascético.

Para se alcançar uma moral que cultiva valores com base na moral como natureza, isto é, valores que encarem a vida como Vontade de Potência, para esse tipo de moral, entende Nietzsche, é preciso estabelecer um sistema moral para além de bem e mal. Para essa empreitada, afirma Nietzsche, é necessário preparar filósofos para o futuro, filósofos criadores, superadores de si mesmos. “Esse tipo é o tipo “imoralista”, um tipo que supera o homem, é o porvir do além-do-homem” (SOUZA, 2009, p.21).

Para Nietzsche, que se opõe a todas as correntes igualitárias e humanitárias de seu tempo, o bem maior é a própria vida. Ele é um defensor da tese da individualidade poderosa. Sendo a vida o bem máximo, ela culmina na vontade de poder. Assim, o homem deve se encaminhar para um estágio superior, que esteja acima dele, atingindo a condição de super-homem, ou seja, um homem capaz de se autoafirmar, de fazer valer a sua força, o seu poder, a sua vontade de potência (MARIAS, 2009). E, para isso, ele precisa superar a moral de ressentimento herdada da religiosidade e da moral cristã.

Referências

BEARDSWORTH, Richard. Figuras do Saber: Nietzsche. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

Coleção Os Pensadores, NIETZSCHE, São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1996.

HAGGLUND, Bengt, História da Teologia, Porto Alegre, Ed. Concórdia, 1981.

MARIAS, Julián. História da Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich, Genealogia da Moral – Um Escrito Polêmico, 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

____. A Gaia Ciência. In Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SOUZA, Mauro Araújo de. Nietzsche: viver intensamente, tornar-se o que se é. São Paulo: Paulus, 2009.